



Gravatazeiro, símbolo de Boa Nova



Divulgação

**BOA NOVA:** Cidade baiana propõe revitalização das matas

**JAÚ:** O desafio é acabar com as plantas invasoras nas áreas ciliares



Amilcar Marcel



Reprodução



**SERRA DO MAR:** Projeto quer recuperar áreas degradadas



# JORNAL MataCiliar

Ano 2 • Edição nº 10 • Fevereiro 2008

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE  
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

www.ambiente.sp.gov.br

ENTREVISTA

Vera Bononi

“O processo de recuperação de áreas degradadas deve, inicialmente, caminhar no sentido de ter o seu custo reduzido, para que surjam iniciativas dos próprios agricultores proprietários de terra.”

## Restaurar a natureza com pouco trabalho humano

Programas de restauração florestal nem sempre dependem de uma forte intervenção humana. Isso porque, muitas vezes, esse processo é muito caro, inviabilizando pequenos projetos que podem efetivamente restaurar a biodiversidade, por meio de ações naturais de sucessão. Seguindo esse princípio, vários pesquisadores têm defendido o uso da **nucleação**, técnica considerada por eles mais barata e ecologicamente melhor.

“Em nossas pesquisas, a principal questão é encerrar as áreas degradadas como espaços que estão em conexão com o restante da região e dentro de um processo sistêmico, em que a conectividade e a capacidade da natureza devem ser levadas em conta, mais do que a ação humana”, diz o biólogo

Ademir Reis, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para ele, “o ato de restaurar deve ser definido como o processo capaz de ampliar a probabilidade de expressão da sucessão natural, criando novas condições para elevar a biodiversidade e a biofuncionalidade local”.

O compromisso do restaurador, nesse processo, é apenas com o ato de criar núcleos capazes de propiciar um incremento no ritmo da sucessão natural, evitando recriar paisagens artificiais que re-presentem “a imagem e semelhança do homem e não a imagem da própria natureza”. Assim, na nucleação, a intenção é interferir o mínimo possível na área e apenas ajudar a natureza a se restabelecer. O núcleo é que vai fazer a comunicação com outros fragmentos florestais que existam na região. Conforme explica o professor da UFSC, esse processo vem sendo aplicado, com sucesso, por empresas de reflorestamento e complexos hidrelétricos em Santa Catarina.

Segundo Reis, para aplicar essa metodologia, a primeira providência é fazer um bom diagnóstico da paisagem, verificando a distância e a qualidade dos

O processo de nucleação é considerado mais barato e ecologicamente melhor

remanescentes mais próximos. “Seja qual for a distância, é preciso fazer a ligação, pois se a área recuperada ficar isolada, não haverá restauração”, defende. O biólogo explica que a comunidade da natureza não é formada apenas de plantas (produtores), mas precisa também de animais (consumidores) e microorganismos (decompositores). “Todas as técnicas de nucleação têm a função de melhorar as condições ecológicas locais, pela criação de heterogeneidade e de novas oportunidades, para a expressão da sucessão natural, envolvendo esses elementos, que formam um tripé e devem crescer juntos.”

Outro princípio da nucleação é que as diversas técnicas não podem ser isoladas, mas aplicadas em conjunto, conforme a área a ser restaurada. “Cada local tem sua própria receita”, explica o biólogo. A primeira providência, porém, é retirar as espécies invasoras, que impedem o processo de sucessão.

Caso seja difícil retirar tudo, podem ser criados núcleos (porções da área a serem restauradas), para substituir esse material.

A partir da identificação do remanescente mais próximo e parecido com a área a ser restaurada, uma das técnicas de nucleação utilizada é a instalação de poleiros para ligar a área degradada ao fragmento florestal. Esses poleiros podem ser bambus em pé ou árvores mortas, que servem de descanso e passagem, principalmente, para as aves poderem circular entre um local e outro.

Outra técnica, segundo Reis, é a **transposição de solo**. Nela, pequenas amostras de solo do fragmento (de cerca de 1 m<sup>2</sup>) são levadas para a área degradada. “Essas amostras carregam junto sementes e larvas de insetos e vão formar pequenos tufos de plantas”, explica. Para que a fauna permaneça na área, porém, é preciso que haja abrigo e, para isso, se utiliza a transposição de galharia, ou seja, são feitos grandes montes de madeira (resíduos vegetais), na área degradada, para que os anfíbios e répteis possam se abrigar. Do contrário, ficam expostos ao ataque predatório e não podem permanecer no local.



Poleiro de pinus anelado. As aves pousam e circulam pelas áreas vizinhas, trocando sementes variadas

Também se faz a transposição da **“chuva de sementes”** do remanescente mais próximo. Isso significa colocar pequenas telas que vão coletar as sementes que caem das árvores, durante todos os períodos do ano, pois é preciso ter espécies que frutifiquem em todos os meses. “Metade dessas sementes deve ser jogada diretamente na área degradada e a outra metade deve ser cultivada em viveiro”, explica Reis.

O biólogo esclarece que mesmo nas técnicas de nucleação há a plantação de mudas. “É preciso, porém, fazer um levantamento das espécies nos fragmentos da área degradada e escolher apenas espécies da paisagem e com biofuncionalidade forte, ou seja, com intensa interação com a fauna, para produzir comida para os

animais.” As mudas devem ser plantadas em pequenos núcleos e, no máximo, 300 mudas por hectare.

O mais importante da nucleação, no entanto, é que todas essas técnicas chegam a ocupar apenas 5% da área degradada. Os 95% restantes são deixados para a natureza fazer o trabalho sozinha. “Os núcleos criam condições para atrair animais e sementes e para que o solo se refaça.”

Segundo Ademir Reis, a resistência à nucleação acontece, em um primeiro momento, porque as pessoas vêem apenas um matagal. “Mas ele é importante para atrair insetos e o restante da fauna. No futuro, garanto que a área será um remanescente melhor do que os plantados, além de garantir a ligação com as áreas vizinhas.”



Ademir Reis

Técnica da transposição de solo, com tufos de plantas, sementes e larvas de insetos

## Boa Nova encara problemas ambientais com projeto de revitalização de matas ciliares

Localizada no sul da Bahia, em uma área de transição entre a caatinga e a Mata Atlântica, Boa Nova é um pequeno município em que parte dos fogões ainda é a lenha, retirada das matas da região. No entanto, a população, na maior parte rural, começa a encarar seus problemas ambientais. Um deles é a diminuição da disponibilidade de água por conta do desmatamento das matas ciliares.

Segundo Yara Lima Chagas, bióloga da Empresa Baiana de Água e Saneamento (Embasa), os agri-

**Diminuição de volume de água em barragem fez município do sul da Bahia dar início a projeto de educação ambiental**

cultores vêm percebendo uma queda cada vez mais rápida no volume de água do Rio Santa Luzia (também conhecido como Rio do Chumbo e das Três Cachoeiras), que abastece o município, fato comprovado pela diminuição do

volume da barragem da estação de tratamento da Embasa. “Com a ampliação do abastecimento para vários povoados, na caatinga, a previsão é que falte água na região em dois anos”, avalia Yara.

Para tentar reverter o problema, iniciou-se o projeto **Revitalização das Matas Ciliares**, um trabalho de educação ambiental voltado para os proprietários e agricultores da região de Mata Atlântica, em que estão as nascentes do manancial da cidade, e a recuperação das matas ciliares. “Iniciamos a recuperação das nascentes e a idéia é estender o projeto até a barragem. O trabalho é um pouco lento, porque temos de ir de casa em casa e conversar com os produtores sobre os objetivos do projeto, pois são pessoas muito simples; alguns deles não possuem nem tevê”, explica a bióloga. As negociações são mais difíceis com os criadores de gado, que resistem em cercar suas áreas.

A primeira parte do projeto teve a parceria da prefeitura, que construiu um

pequeno viveiro, e de empresas da região, que doaram mudas e camisetas – utilizadas para envolver a população. “Nessa primeira fase, recuperamos 70 m de uma das nascentes, mas tivemos de descartar muitas mudas, que não eram nativas da Mata Atlântica”, conta a bióloga. Para evitar o problema, agora espera-se conseguir verbas para comprar as sementes de árvores nativas do Clube de Semente, em Brasília. Uma parceria foi feita com uma mineradora, que cedeu seu viveiro e se comprometeu a cultivar as mudas.

Paralelamente, a Embasa, em parceria com a Prefeitura de Boa Nova, realiza um trabalho de educação ambiental nas escolas, com a exposição itinerante de uma mini-estação de tratamento de água, para mostrar às crianças como é feita a captação e o tratamento da água e também para explicar porque as matas são tão importantes. Para o ano letivo de 2008, estão programadas visitas dos estudantes à estação e ao viveiro. ▶

Gravatazeiro, pássaro que vive na mata de cipó

### SÍMBOLO DA CIDADE

Boa Nova começou a prestar atenção ao meio ambiente há cerca de três anos, quando a Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil (Save Brasil), uma organização não-governamental filiada à BirdLife Internacional, e com sede em São Paulo, incluiu o município em seu programa de Áreas Importantes para a Conservação das Aves (do inglês Important Bird Areas – IBAs), por abrigar mais de 300 espécies de aves, dez delas globalmente ameaçadas de extinção. Entre essas aves, está o gravatazeiro (*Rhopornis ardesiacus*), um passarinho comum na mata de cipó, uma vegetação meio de caatinga, meio de Mata Atlântica, que só existe em Boa Nova e da qual só restam 2,6% da área original.

A partir daí, o gravatazeiro passou a fazer parte da vida da cidade. Virou nome de time de futebol, tema de trabalho dos artistas locais e do projeto

de ecodesenvolvimento municipal. Muitas gaiolas e armas de caçadores foram aposentadas e a retirada de madeira passou a ser combatida. Segundo a secretária municipal de Educação, Ana Nery Pereira Moraes Brito, a cidade mudou. “A mata ficava escondida, não chamava a atenção por si. As pessoas passavam, viam e não reparavam. Sua beleza não é tão óbvia. Mas quando nos demos conta da existência desse pássaro, tão raro e tão belo, percebemos outras riquezas e belezas. Vimos como somos ricos e não sabíamos”, conta a secretária.

Desde então, projetos práticos começaram a ser desenvolvidos nas escolas. Duas unidades, em área de caatinga, fizeram um trabalho com o lixo, por meio de uma limpeza geral na região. O material recolhido foi vendido para Vitória da Conquista, cidade em que há empresas de reciclagem.

Save Brasil/Divulgação



Pequeno município do sul da Bahia preocupa-se com a recuperação das matas ciliares

Yara Chagas

Yara Chagas

## Mutirão da água em todo o Estado

Dos 1,3 bilhão de km<sup>3</sup> de água existentes no mundo, apenas 2,7% são de água doce. O Brasil, privilegiado pela natureza, detém 13,7% de toda essa água. Os rios brasileiros apresentam uma vazão média de 180 mil m<sup>3</sup> por segundo. No entanto, a distribuição é irregular, pois quase 80% dessas águas encontram-se na Amazônia. São Paulo, que toca uma economia responsável por 35% do Produto Interno Bruto (PIB) e tem 22% da população nacional, ficou com apenas 1,6%.

O resultado é conhecido. Na Região Metropolitana de São Paulo, a carência de água já é realidade.

Quase metade dos 70 m<sup>3</sup>/s da água consumida é bombeada do Rio Juqueri, reduzindo a oferta desse recurso nas cidades da Bacia do Piracicaba-Capivari-Jundiá. A situação, em menor grau, repete-se no Vale do Paraíba e na Baixada Santista.

Nesse cenário é que a Secretaria de Estado do Meio Ambiente vai realizar o projeto **Mutirão Azul – Água na Média Certa!** a partir do dia 19 de março. Um evento no Parque Villa-Lobos, em São Paulo, deve marcar o início do projeto que contará com atividades de educação ambiental para jovens e crianças, especialmente alunos de escolas da região.

O Mutirão Azul será aberto pelo secretário do Meio Ambiente Xico Graziano e dará início a uma ampla programação de atividades em todo o Estado, ao longo da semana de 22 de março, data em que se comemora o Dia Mundial da Água. O programa prevê, ainda, a inauguração de uma exposição de fotografias no parque, mostrando aspectos positivos e negativos do uso da água. A mostra fica aberta até o dia 6 de abril. Com essa série de eventos, a idéia é envolver órgãos públicos, prefeituras, escolas, associações, ONGs e empresas em um grande mutirão para conscientizar a população para o uso racional desse recurso da natureza.

**CONCURSO** - Ainda no dia 19 será lançado o Concurso **Desafio da Água** que pretende mobilizar a população da Região Metropolitana de São Paulo para a importância do uso racional da água, em especial nos meses de estiagem, de maio a setembro.

O concurso terá como base as contas de água de cada domicílio (casas e condomínios) e escolas. Os participantes deverão registrar o consumo de água dos meses de maio a setembro de 2008, em m<sup>3</sup>. As pessoas que mais se esforcem, na pontuação, ganharão diversos prêmios. Informações adicionais e inscrições podem ser obtidas no site [www.ambiente.sp.gov.br/mutiraoozul](http://www.ambiente.sp.gov.br/mutiraoozul). ▶

## De cara nova

O site do Projeto Mata Ciliar está sendo reformulado para tornar a navegação do usuário mais agradável, rápida e fácil. O objetivo do novo site, que deve estar disponível em março, é divulgar conhecimentos, oportunidades e regras do projeto para os diversos parceiros externos, além de ser uma ferramenta de apoio ao gerenciamento da equipe e das atividades programadas. Na página do Mata Ciliar, podem ser encontradas informações como a apresentação geral do projeto, documentação, legislação, diretrizes do Banco Mundial e os componentes do projeto. Além disso, podem ser

acessadas, por meio de *download*, todas as edições do *Jornal Mata Ciliar* e do programa de rádio *Sintonia Verde*, veículos de divulgação do projeto.

O portal traz, ainda, dados de uma das áreas responsáveis pelo projeto, na Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo, o Departamento de Projetos da Paisagem (DPP), e seu e-mail: [matasciliares@ambiente.sp.gov.br](mailto:matasciliares@ambiente.sp.gov.br).

O endereço do site continuará o mesmo, podendo ser acessado pelo [www.ambiente.sp.gov.br/matasciliar](http://www.ambiente.sp.gov.br/matasciliar) ou a partir do site da Secretaria do Meio Ambiente ([www.ambiente.sp.gov.br](http://www.ambiente.sp.gov.br)), na opção Mata Ciliar, no menu principal à esquerda. ▶



O projeto teve início no Córrego Santo Antonio, na Fazenda Santo Antônio dos Ipês, conhecida como Reserva Amadeu Botelho, uma RPPN de Jaú

## Em Jaú, o desafio é acabar com as plantas invasoras

Com cerca de 200 indústrias calçadistas e uma produção de 75 mil pares de sapatos por dia, Jaú é conhecida como a Capital do Calçado Feminino. O município é também um grande pólo da agroindústria canavieira. Com 121 mil habitantes, está localizada na região central do Estado de São Paulo, a 296 quilômetros da capital; conta com um excelente solo para atividades agrícolas e é banhada pelo Rio Tietê. Com isso, beneficia-se da Hidrovia Tietê-Paraná, por meio do transporte intermodal hidroferroviário, sendo um dos municípios pioneiros no transporte de cana-de-açúcar em chatas (embarcações utilizadas para carga).

A microbacia do Córrego Santo Antônio pertence à da Bacia Hidrográfica Tietê-Jacaré, uma das cin-



co que fazem parte do Projeto de Recuperação de Matas Ciliares, e foi escolhida para participar dos projetos demonstrativos, que estão ajudando a recuperar as matas ciliares em 15 microbacias do Estado. A indicação veio da Prefeitura de Jaú, por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, por ser um manancial de abastecimento público da cidade.

Segundo o engenheiro agrônomo João André Miranda de Almeida Prado, o projeto demonstrativo começou em dezembro e vem caminhando com bom ritmo. Responsável pela Casa de Agricultura de Jaú, Prado conta que a

CATI já trabalhava com os agricultores da área, o que facilitou a implantação do projeto.

“A entrada do projeto Mata Ciliar foi fundamental, pois cobre os custos com material, mão-de-obra e transporte. O produtor não tem despesa adicional e vai ser subsidiado por cerca de três anos para cuidar da área restaurada, embora se comprometa a cuidar dela depois disso. A CATI entrou com as mudas, produzidas no viveiro de Pederneiras”, conta o engenheiro agrônomo.

Irene Tosi Ahmad, engenheira florestal responsável pelo projeto na Bacia Tietê-Jacaré, diz que embora os canaviais tenham sido afastados das áreas ciliares na microbacia, praticamente não há vegetação nativa nas margens do Córrego Santo Antônio, por conta da alta incidên-

**Os canaviais foram afastados das áreas ciliares da microbacia, mas não há vegetação nativa nas margens do Córrego Santo Antônio**

cia de gramíneas invasoras, como nabiê, colônio e brachiária, que impedem a regeneração natural. “Por isso, dentro dos projetos demonstrativos na microbacia, estão sendo implantados experimentos em parte dos 24 hectares que serão recuperados nesta primeira etapa.”

A engenheira florestal conta, ainda, que essa fase do projeto contempla sete propriedades. O trabalho teve início pela Fazenda Santo Antônio dos Ipês, que abriga um dos únicos

fragmentos florestais significativos de Jaú, conhecido como Reserva Amadeu Botelho, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) – modalidade de unidade de conservação privada, reconhecida pelo Poder Público – desde 2000.

O projeto em Jaú está a cargo da organização não-governamental Instituto Pró-Terra e os experimentos são coordenados pelo engenheiro Amílcar Marcel de Souza, que também é professor do curso de Engenharia Florestal em Garça. Os objetivos dessas pesquisas são: estudar mecanismos de controle do mato-competição (ou seja, controle de plantas invasoras) – plantando leguminosas e espécies agrícolas nas entrelinhas do plantio de espécies arbóreas – e avaliar os rendimentos operacionais, con-

siderando os diferentes tratamentos.

Os experimentos foram implantados durante o mês de janeiro, com a participação de estagiários do curso de Engenharia Florestal de Garça e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR-Campus Sorocaba). Irene Tosi lembra, ainda, que manter as áreas restauradas também será um desafio na microbacia. “Como as invasoras dominam a área, exigirão um trabalho árduo para serem controladas.”

Paralelamente à recuperação, a CATI desenvolve na região um trabalho de educação ambiental chamado Aprendendo com a Natureza e, segundo Almeida Prado, a idéia é agregar os dois projetos, por meio de visitas das crianças das escolas da cidade, ao projeto Mata Ciliar, ao longo deste ano. ▶

## Realização de um sonho, em Jaú



Grupo recebe orientação da ONG Instituto Pró-Terra para reflorestar

Um dos proprietários da Fazenda Santo Antônio dos Ipês e administrador da fazenda e da reserva, Antonio Carlos Botelho Müller Carioba, também é conselheiro do Instituto Pró-Terra. Segundo ele, dos 250 alqueires da fazenda, a RPPN ocupa cerca de 80 alqueires (190 ha). “A recuperação de mata ribeirinha está sendo feita em uma área próxima à Reserva e pretendemos fazer um corredor para ligá-la à

mata ciliar”, conta.

Carioba diz que a área de mata ciliar estava bastante degradada pela infestação de capim e, conseqüentemente, não nasce árvore naturalmente no local. “Por isso, estamos limpando a área e reflorestando. O trabalho está sendo realizado por pessoas residentes na região e inclui agricultura, no sistema agroflorestal (SAF), que beneficiará esses agricultores.”

Também membro da família Botelho e proprie-

tária de duas áreas incluídas no projeto – Fazenda Figueira Branca 1 e Fazenda Figueira Branca 2 –, Maria Luiza Botelho diz que recuperar as matas ciliares é a realização de um sonho. “Sempre quis recuperar, mas sozinha era difícil de fazer, pois preciso ter uma boa metodologia e pessoal para plantar. O projeto veio a calhar, pois proporciona isso, já que é uma atividade cara para quem tem pequena propriedade.” ▶



Experimentos estão sendo implantados nas áreas das gramíneas invasoras

## História da água do cano torto

Conhecida lenda de Jaú conta a história de um cano torto. Construído no século XIX, para dar de beber às tropas e aos tropeiros que vinham do sertão, o cano torto despejava água num bebedouro em forma de concha, próximo ao Rio Jaú, hoje Rua Tenente Lopes.

Diziam que os tropeiros que bebiam daquela água acabavam voltando ao povoado, e para ficar. “Quem bebe água do ‘cano’ um dia volta”, diziam os moradores.



Vista da cidade do cano torto, próximo ao Rio Jaú

Moças solteiras, à procura de marido, davam sempre um jeito de servir daquela água a namorados forasteiros. Mais tarde, serviu para o banho de formatura dos

alunos da Academia e dos atiradores do Tiro-de-Guerra.

Outras curiosidades sobre Jaú podem ser encontradas no site [www.ruas.com.br/jau](http://www.ruas.com.br/jau). ▶

# BANCO DE ÁREAS

SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE

Se você possui áreas degradadas e deseja recuperá-las sem custo, acesse o site : [www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar](http://www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar) ou ligue para (11) 3133-3243

BANCO DE ÁREAS PARA RECUPERAÇÃO FLORESTAL



Entrevista

Vera Bononi



## Recuperação de áreas degradadas

A Secretária do Meio Ambiente (SMA), por meio do Projeto Ambiental Estratégico Pesquisa Ambiental, elegeu como prioritárias quatro linhas de pesquisa, e entre elas a conservação. Gerente desse projeto, a diretora do Instituto de Botânica (IBt) da SMA e doutora em biologia pela USP, Vera Bononi, fala ao *Jornal Mata Ciliar* sobre a Recuperação de Áreas Degradadas (RAD), em que o IBt possui experiência de quase duas décadas e que tem sido utilizada no projeto Mata Ciliar.

**Jornal Mata Ciliar – Quais são as principais linhas de pesquisa, no Instituto de Botânica, sobre recuperação de áreas degradadas?**

**Vera Bononi** – Diversas. Para se ter uma idéia, destaco os projetos registrados na instituição com ações vinculadas à RAD. O IBt atua no projeto Mata Ciliar, tanto no desenvolvimento e validação de metodologias para recuperação de matas ciliares, como no apoio à produção de mudas das espécies nativas, discutindo e apresentando propostas para viabilizar a coleta de sementes em unidades de conservação.

**JMC – Como as pesquisas podem colaborar para gestão ambiental das áreas degradadas?**

**VB** – As pesquisas podem (e devem) colaborar na gestão ambiental de áreas degradadas, seja indicando formas e técnicas de recuperação, com o menor custo possível e sem o comprometimento da qualidade do produto final, ou mesmo no fomento de políticas públicas.

**JMC – Há exemplos de técnicas desenvolvidas que estão sendo incorporadas ou pesquisadas no projeto Mata Ciliar?**

**VB** – Há duas vertentes de estudos em andamento. A primeira delas diz respeito aos plantios realizados durante a execução do projeto, que denominamos Projetos Demonstrativos. A segunda vertente refere-se às “áreas de referência”, que, na prática, representam plantios de recuperação anteriores à vigência do projeto e que estão sendo monitorados.

**JMC – Quais são os próximos passos das pesquisas sobre o tema?**

**VB** – O processo de recuperação de áreas degradadas deve, inicialmente, caminhar no sentido de ter o seu custo reduzido, para que surjam iniciativas dos próprios agricultores proprietários de terra. Nos dias atuais, é impossível discutir caminhos para a auto-sustentabilidade sem uma coerência entre as políticas públicas e a participação da sociedade. No desenvolvimento de metodologias para a RAD, é importante que sejam considerados a realidade do proprietário da área, a vocação que a região possui, a origem e o histórico da degradação. Outro grande desafio que envolve a RAD, é imposto à comunidade científica, refere-se à geração de pesquisas e a ações, que subsidiem políticas públicas, capazes de melhorar a qualidade dos reflorestamentos, além de agilizar os processos de licenciamento ambiental. Para o ano de 2008, especificamente no caso das ações do IBt, está se pensando em enfatizar principalmente a pesquisa com sementes, geneticamente variadas e viáveis, contribuindo para sua disponibilidade. ▶

A Serra do Mar é um dos mais importantes corredores ecológicos do Estado de São Paulo

## Projeto para recuperar a Serra do Mar

Criado em 1977, o Parque Estadual da Serra do Mar é um dos mais importantes corredores ecológicos do Estado de São Paulo, conectando os mais significativos remanescentes de Mata Atlântica das áreas ocupadas nas encostas do parque, proteger a biodiversidade e a oferta de água, além de restaurar as áreas degradadas, com projetos de educação ambiental para a população local, o governo do Estado implementou o projeto de Recuperação Socioambiental da Serra do Mar, por intermédio de várias secretarias de Estado, em articulação com as 23 prefeituras que têm áreas dentro da Unidade de Conservação.

As ações do projeto tiveram início em 2007, na região de Cubatão, cidade em que a ocupação humana e as pressões ambientais atingiram um ponto crítico, colocando em risco os moradores e também os atributos ambientais fundamentais, como os mananciais, que abastecem a Baixada Santista, e a cobertura vegetal, que garante a estabilidade das encostas. Além de campanhas de

sensibilização e da instituição dos Conselhos Consultivos do Parque Estadual da Serra do Mar, em julho último, o projeto realizou o congelamento da situação atual, evitando novas invasões. Além disso, uma parceria com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), em setembro, permitiu o uso público das trilhas de Paranapiacaba e Cubatão.

O projeto Serra do Mar é também um dos 21 projetos estratégicos adotados pela Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo (SMA), cuja participação estará voltada para a recuperação ambiental das áreas degradadas; para a construção de centros de esporte, lazer e educação ambiental, para ações de educação ambiental e cursos de capacitação; para bases de apoio à vigilância e ao uso público e centros de visitantes e de educação ambiental nos núcleos do parque; entre outras ações.

O primeiro Centro de Referência em Educação Ambiental, na cidade de Cubatão, foi instalado pela SMA no Centro de Capacitação e Pesquisa em Meio Ambiente (Cepema) da Universidade de São Paulo (USP), colocando a informação como instru-

mento de educação em benefício da cidadania. O centro conta com espaço para consulta e leitura, terminais para pesquisa com acesso à Internet, acervo voltado à educação ambiental, disponibilizando livros, documentos, vídeos e dados on-line.

Os 315.390 ha do Parque Estadual da Serra do Mar estendem-se desde Ubatuba, na divisa com o Rio de Janeiro, até Pedro de Toledo, no litoral sul. Atualmente, essa unidade de conservação concentra as atenções da comunidade científica, das organizações não-governamentais (ONGs), de governos, empresas e demais setores da sociedade, todos preocupados com a preservação da Mata Atlântica e a necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre a fauna e a flora regionais.

**CDHU** – A Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) construirá, dentro do Projeto Serra do Mar, 3,8 mil unidades (casas, apartamentos e moradias mistas para comércio) em três áreas de Cubatão: bolsões 7 e 9 e bairro Casqueiro. Segundo a CDHU, atualmente, cerca de 12 mil pessoas vivem nas áreas atendidas pelo projeto e

cerca de 70% dessa população será removida para as construções da companhia. As obras das três áreas devem ter início em abril de 2008 e, conforme a empresa, ser concluídas em 18 meses. No entanto, serão entregues as casas prontas no decorrer do período. Nos novos bairros, os moradores terão infra-estrutura como comércio, escolas, áreas de lazer e até igrejas. Todos terão título de propriedade, para assegurar que não voltem novamente às áreas das quais foram retirados. As áreas em que os moradores serão mantidos receberão melhorias na urbanização.

A ocupação irregular da Serra do Mar ocorre há dezenas de anos. Os bairros-cota, por exemplo, surgiram em meados do século passado, por ocasião da construção da Via Anchieta e, anos depois, por causa da Rodovia dos Imigrantes. A ocupação desordenada trouxe problemas para os moradores, pelo constante perigo de desabamento de encostas, e de poluição do Rio Cubatão, fonte de abastecimento de várias cidades da Baixada Santista.

**Saiba mais:**  
[http://www.ambiente.sp.gov.br/serradomar/acao\\_da\\_secretaria.asp](http://www.ambiente.sp.gov.br/serradomar/acao_da_secretaria.asp)



**STÊNIO GARCIA**

“A água faz parte do patrimônio do Planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão é plenamente responsável,

vel, aos olhos de todos. Stênio Garcia, para o programa Sintonia Verde!”

Depoimento ao programa de rádio Sintonia Verde, produzido pela Auris Comunicações. Para ouvir outros relatos e entrevistas sobre a Mata Ciliar, acesse: [www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar](http://www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar)

### CARTAS e E-MAILS

Correspondências com sugestões e críticas podem ser enviadas para:

**JORNAL MATA CILIAR**  
Rua Lavradio, 105 - Pacaembu  
CEP: 01154-020 - São Paulo - SP  
Tel.: (11) 3666-0993

E-mail:  
[matasciliares@ambiente.sp.gov.br](mailto:matasciliares@ambiente.sp.gov.br)



**CATI**  
COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL

SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO  
TRABALHANDO POR VOCÊ



[www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar](http://www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar)

**EXPEDIENTE:** O *Jornal Mata Ciliar* é uma publicação da Secretaria de Estado do Meio Ambiente de São Paulo e produzido pela SK&C Editora Ltda. **Diretor:** Lie Liong Khing - **Editora:** Denise Góes - MTb: 14.329 - **Reportagem:** Maura Campanili. Conceitos e opiniões emitidos por entrevistados e colaboradores não refletem, necessariamente, a opinião do jornal e de seus editores. Para obter mais exemplares do jornal, entre em contato conosco ou procure nos locais de distribuição, relacionados no site [www.ambiente.sp.gov.br](http://www.ambiente.sp.gov.br). **Textos podem ser reproduzidos, citando a fonte: Jornal Mata Ciliar/SMA.**